

A arte de ensinar

Dom Lourenço de Almeida Prado *

Discute-se a arte de ensinar. A nobre arte que os antigos sabiam reverenciar como arte ministerial, colocada (ao lado da agricultura e da medicina) como auxiliar da natureza — *Ars cooperativa naturae*. É o discípulo que aprende; o mestre apenas lhe presta ajuda.

Ajuda, sim; simples ajuda, mas indispensável expressão das mais elevadas da dignidade humana de criatura comunicativa, criada à imagem de Deus.

Sobre essa arte, as opiniões são discordantes. E várias. Vem um e diz: "Para ser professor, é preciso saber, isto é, possuir conhecimento seguro da disciplina que vai ensinar; a formação pedagógica é dispensável ou, até, inútil." Vem um outro e contesta: "Para ser professor, o importante é a formação pedagógica; o saber é desnecessário e, talvez, até prejudicial, pois a função do professor é a de animador de pesquisa, não de transmissor de conhecimentos."

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Ia dizer que, como acontece freqüentemente, a verdade está no meio. Mas não é bem no meio; está acima. Claro que a primeira opinião é mais consistente, está mais próxima da verdade, não pode ser qualificada de insensata. É preciso saber para ensinar.

É preciso ter conteúdo para ajudar o outro a aprender. Mais ainda: quem conhece, com certa maestria (com nível magistral), uma disciplina tem elementos para descobrir o "método". Este está embutido, de certo modo, na feição, no tipo de abstração, próprio da disciplina. Claro que um mudo, inseguro na linguagem dos sinais, não chegará lá, dificilmente o tartamudo. Esses, porém, nem com pedagogia. O normalmente dotado poderá perder algum tempo, cometer alguns erros de percurso, mas encontrará o caminho. Diria, na linguagem dos filósofos, que o aprendizado formal da pedagogia é necessário, não *ad esse*, mas *ad melius esse*, não para ensinar, mas para ensinar melhor.

Sendo isso verdade, e levando em conta que a doença que infirma o nosso ambiente educacional é o nivelamento igualitarista, que tem horror ao *habitus*, isto é, ao saber, e uma metodomania pedante e novidadeira, que Milner chama de romantismo pedagógico, pode-se até admitir que o exagero de quem parece menosprezar a pedagogia seja uma hipóbole, para evidenciar esse desvio. No ar que respiramos, há como que o intuito de cobrir a ignorância com o *pedagogês*. Se não vejo como correto (como Milner não vê ao citá-lo) o dito de um autor que considera a pedagogia "uma palavra inventada pelos ignorantes para intimidar os que sabem", parece inegável que há muito disso.

O trabalho do professor não pode ser reduzido a uma espécie de *moulin qui tourne en vide* (moinho rodando no vazio), a que se refere Waldir Chagas, no seu Parecer 292/62. É um trabalho muito mais rico. Se não é, nem pode ser uma conscientização (como pretendem certos pedagogos do nosso bairro), se não é transmissão semelhante à do ferro em brasa para outra placa de ferro (imagem recusada por Santo Tomás, pois não se trata de um produzir ativo, mas de um suscitar ou de um apoio externo), é realmente um ministério que escorva a inteligência.

A educação tem também a tarefa de suprimir entraves e de facilitar o acesso ao patrimônio cultural dos antepassados. Essa tarefa igualmente postula saber. A arte da música está na cabeça, no gênio criativo, mas, se não se desentramarem os dedos para o dedilhar do piano, a música não chega ao ouvido. Falar é um dos títulos definidores do *homo sapiens*, mas, sem ouvir o outro falar, o homem fica mudo, sem receber do patrimônio natural de sua gente, isto é, dos Camões ou dos Machado de Assis, não só a beleza, mas os próprios cânones da arte de falar e escrever, a língua não alcança comunicação segura e precisa.

O homem cresce como indivíduo, mas cresce também na linha filogenética ou civilizatória; conseqüentemente, recebe dos antepassados um patrimônio que o dispensa de redescobrir o que

Newton e Torricelli já descobriram, deixando-lhe tempo para acrescentar algo mais.

De resto, aí do professor que nunca entrou num laboratório, se tiver que assumir o encargo de animar ou dinamizar uma pesquisa nesse ambiente! Não saberá como ajudar o aluno a segurar um tubo de ensaio. Além disso, a ajuda que o mestre deve oferecer ao discípulo se funda no conhecimento que tem. Para apresentar a um discípulo uma proposição menos universal (ao alcance dele), como apoio para subir a outra mais universal; para oferecer-lhe exemplos sensíveis, semelhantes ou opostos, graças aos quais o aluno chega a descobrir o conceito mais abstrato; para elaborar um esquema, como espécie de andaime, auxílio para que a inteligência, por esse caminho, vislumbre o inteligível e suba a uma descoberta espiritual; para tudo isso, é preciso ter conteúdo.

Realmente, para prestar a ajuda docente, é preciso, antes de tudo, saber o que se ensina. Na falta deste está situada uma das raízes fundamentais de nossa crise escolar. Uma situação significativa, que vem a propósito para exemplificar o desvio pedagógico reinante, encontramos na decadência do ensino normal e na simultânea expansão da preparação do professor para crianças em nível de faculdade de pedagogia. Não que o nível superior seja um mal em si. Poderia ser, até, um bem, se acrescentasse algo. Mas não tem sido assim. E por, ao menos, duas razões. Primeiramente, o Normal (nível médio) juntava, num mesmo momento, o aprendizado do *o que ensinar* (conteúdo) com o *do como ensinar* (didática), o que é uma junção fecunda. Em segundo lugar, no curso normal, já era com o objetivo de vir a ensinar que o estudante entrava em contacto com os conhecimentos básicos. Ao receber conhecimentos, já se imaginava na função de transmiti-los. No outro caso, depois de um curso secundário (que encerraria o conteúdo a ensinar) feito sem objetivo específico e, não raro, descuidado, procura-se a faculdade de pedagogia e, freqüentemente, para fugir a um vestibular mais difícil. Conseqüência: como não traz vivo o conteúdo de 1º e 2º graus, irá, então, aprender a ensinar o que não sabe. É o *pedagogês*. O moinho vai rodar no vazio e com rodas soltas. Haja Cieps para tanto.

E a outra opinião? A que considera conteúdo dispensável e até prejudicial? Indiretamente, já dissemos o que pensamos a respeito. É uma posição inteiramente desavisada, para não dizer insensata. Se postulasse pedagogia como um acréscimo e, até, como acréscimo indispensável, teria razão. Mas querer a pedagogia *per se stans* e afirmar que possuir conteúdo é desnecessário e, até, prejudicial é pretender tirar o mais do menos.

Ter-se-ia chegado aquela total acefalia, já tentada por Leibnitz, que Millôr Fernandes descobriu no curso Bocage: para evitar a quebra do sigilo nos exames, o curso teve a luminosa idéia de constituir uma banca formada só de professores que não soubessem responder às questões. Teríamos professores que soubessem perguntar, soubessem formular hipóteses para animar debates, mas que não soubessem responder.

A maravilha do contrasenso. O rabo sem cabeça ou a quadratura do círculo, não sei.

É por isso que a pedagogia começa a ficar desacreditada. Pois, vista como um acréscimo, como aprimoramento fundamentado na experiência, na própria "bossa" criativa dos grandes mestres e dos que nasceram com o dom de ensinar, é sumamente enriquecedora, encurta caminhos e evita gafes. Mas, para agitar o vazio, fica ela mesma vazia.

Não foi diferente o caminho de Deus ao querer ajudar o povo eleito, no deserto, a construir o Santuário. Diz o livro do Êxodo, 35: Deus deu a Beseleel "sabedoria, habilidade e pericia para toda a espécie de trabalhos: para elaborar desenhos, para trabalhar o ouro, a prata e o bronze, para lapidar pedras de engaste, para trabalhar a madeira e para realizar toda espécie de trabalho artístico". Depois de dar-lhe essas habilidades, diz o Êxodo: "Dispôs-lhe o coração para ensinar os outros" (Ex. 35.34). A pedagogia, mesmo de fonte divina, se assenta sobre o saber.